missões e a comparação entre uma dessas fábricas pesquisadas (uma filial brasileira) e uma filial estrangeira da mesma empresa mostrou que no Brasil a intensidade do trabalho é bem maior do que na sua co-irmã.

Finalmente, o autor, no último capítulo, faz um excelente sumário dos pontos fundamentais para o estabelecimento do elo entre a abordagem dos aspectos teóricos e dos históricos e os estudos de caso realizados. Conclui que o padrão de uso e controle do trabalho encontrado no setor automobilístico brasileiro é um padrão de transição que combina algumas das características herdadas da fase pré-inovação tecnológica com outras que são inteiramente novas: ameaça ao desemprego bastante reduzida; organização do processo de trabalho regida pelo critério de rentabilidade, baseado na intensificação do trabalho e controle da mão-de-obra pela integração de postos de trabalho à cadeia automatizada; necessidade ampliada de mão-de-obra qualificada e exigências de critério seletivo de escolaridade e confiabilidade; política de recursos humanos com o objetivo de estabilizar a força de trabalho e conquistar sua cooperação.

E encerra sua exposição colocando três fatores que considera importantes para que os resultados desse processo no futuro se tornem fruto de uma opção consciente, negociada e socialmente mais equilibrada: assegurar o ritmo de difusão da nova tecnologia pela capacitação interna de produção de bens de capital com controle eletrônico; manter um período de crescimento sustentado na economia brasileira; e considerar as implicações sociais da automação uma questão a ser tratada na mesa de negociações de empresários e trabalhadores. ❑

## COMÉRCIO, CRESCIMENTO E DISTRIBUIÇÃO. Ensaios sobre estruturas assimétricas.

Maurício Barata de Paula Pinto. São Paulo, IPE/USP, 1987, 135 páginas.

**Por Solival Silva e Menezes**
Economista pela USP e Administrador pela EAESP/FGV; Doutorando no IPE/USP e Mestrando na EAESP/FGV.

O Brasil é um país que apresenta um alto grau de dependência das transações externas; isso tem motivado muitos estudiosos da Economia Internacional a formularem modelos que expliquem o funcionamento da estrutura do comércio exterior e a analisarem seus efeitos diretos e indiretos sobre o crescimento do produto nacional, o endividamento e sobre outras importantes variáveis da macroeconomia nacional. Muitos desses modelos têm como escopo analítico as ferramentas neoclássicas que tratam com rigor as relações funcionais e quase sempre conduzem a um estudo do equilíbrio dos mercados.

Este livro, fruto das pesquisas do economista Maurício Barata, do IPE/USP, tem esta mesma preocupação, inclusive utilizando-se do instrumental neoclássico para suas conclusões. É, porém, uma obra diferente das demais, ao reconhecer que as transações entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos não seguem a simetria subjacente às hipóteses neoclássicas.

O professor Barata mostra-se mais cauteloso e acredita que é necessário incluir nos modelos as situações particulares de cada país participante do comércio internacional, calculando-se os verdadeiros custos e benefícios, quantitativos e qualitativos, envolvidos nas políticas comerciais. Para ele, as hipóteses da teoria neoclássica do comércio internacional e da teoria da política comercial, tais como a da inexistência de defasagens setoriais internas, a do comportamento homogêneo dos agentes econômicos, a da igualdade de remuneração real dos fatores, dentre outras, não se confirmam na prática econômica dos países subdesenvolvidos e isso se deve até mesmo ao fato de a maioria dos modelos ter sido criada longe dessa realidade, isto é, nos próprios países industrializados. É necessário, portanto, abandonar os pressupostos de simetria entre os países participantes das transações internacionais e incorporar, em seu lugar, as diferentes características pertencentes à matriz econômica de cada país ou da região envolvidos no problema.

O autor confessa, também, que está insatisfeito com o estado atual da teoria econômica sobre o comércio internacional e propõe que as análises sejam realizadas utilizando-se dos mesmos métodos usados pela ortodoxia, posto que são métodos muito poderosos que não devem ser abandonados, já que, segundo sua expressa declaração, a escolha do método de análise não interfere nos resultados obtidos, sendo mais importante a seleção de hipóteses adequadas.

Assim, são apresentados três interessantes ensaios, partindo-se do princípio de que há diferenças entre os agentes econômicos, que há distintas condições técnicas de produção na economia e, portanto, diferentes condições de equilíbrio de mercado. No primeiro ensaio é apresentada a concepção ricardiana de equilíbrio a longo prazo, precedida de uma especificação da dinâmica clássica para economias fechadas. No segundo, o autor mostra como as conclusões da teoria do equilíbrio geral devem ser modificadas

diante da existência de limitações dos fatores de produção; no terceiro, opera com desequilíbrios no balanço de pagamentos e com a existência de bens *non tradeable* na economia doméstica.

Trata-se de mais uma boa contribuição teórica de um economista brasileiro para enriquecer o debate sobre o comércio exterior, justamente em um país cuja dependência do comércio internacional é extremamente elevada. ❑

## OS MOVIMENTOS LIBERTÁRIOS EM QUESTÃO — A política e a cultura nas memórias de Fernando Gabeira

Cláudio Novaes Pinto Coelho, Petrópolis, Vozes, 1988, 158 páginas.

**Por Denice Barbara Catani**
Professora-Assistente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Após o decreto de anistia (agosto/1979), a volta dos exilados políticos trouxe à cena brasileira a figura polêmica de Fernando Gabeira e este passou a ser constantemente chamado pela imprensa a pronunciar-se sobre sua experiência como guerrilheiro, sua vida de exilado e suas opiniões sobre os mais variados temas da situação do país. Com a publicação de seus livros ele refaz a própria trajetória, de guerrilheiro urbano a integrante de movimentos alternativos, passando por seu rompimento com a esquerda, no exílio, e sua identificação com propostas libertárias.

*Os Movimentos Libertários em Questão*, de Cláudio Novaes Pinto Coelho, propõe-se a analisar as memórias escritas por Gabeira, entendendo-as como *"ponto de confluência dos principais processos sociais que estiveram e estão associados a 'propostas libertárias'"*, e que ao ocorrerem no Brasil, introduzem mudanças nos conceitos de cultura e de política. As finalidades mais amplas deste estudo voltam-se para o esclarecimento das idéias e atitudes desenvolvidas no interior dos movimentos de classe média, e que se traduzem na defesa de modos de vida específicos de grupos como mulheres, negros, homossexuais e no combate às relações de poder existentes na sociedade em geral.

Apresentado originalmente como dissertação de mestrado em Antropologia Social na UNICAMP, o livro não padece dos vícios comuns a este tipo de trabalho — não é tedioso e nem peca pelo academicismo — e exibe virtudes raras na espécie a que pertence, pois é fácil de ser lido e não faz concessões à superficialidade. O estudo toma como ponto de partida a constatação acerca da importância que adquirem nos anos setenta, no Brasil, justamente as *"lutas sociais que não se caracterizam pelos conflitos de classe"*, mas que se instauram como decorrência de relações raciais e sexuais onde vigora a discriminação a determinados grupos. Tais movimentos são situados pelo autor como **movimentos sociais da classe média.** E uma vez que esses movimentos têm por finalidade o combate às relações de poder, o autor adota para nomeá-los o termo "libertários", com seu sentido tradicional, desde o uso feito pelos anarquistas.

A fim de compreender as articulações entre os diferentes processos sociais que marcaram o passado recente da sociedade brasileira, de modo a situar o significado da atuação das obras de Gabeira, Cláudio Coelho utiliza-se concomitantemente de investigações ligadas ao referencial antropológico e de trabalhos de crítica literária, o que lhe permite apreender as características dos textos memorialísticos. Dividido em sete capítulos, o livro refaz a trajetória do ex-guerrilheiro mediante a análise de três de suas produções, quais sejam, *O Que É Isso, Companheiro?*, *O Crepúsculo do Macho* e *Entradas e Bandeiras*. Tais obras narram o passado do militante, sua aproximação com os movimentos libertários e sua tentativa de integração aos mesmos.

Esta análise da trajetória de Gabeira, concretizada a partir de suas memórias, e com todos os cuidados de que o autor se cerca para ter presente a especificidade dos textos que reavaliam o passado, conduz a esclarecimentos significativos sobre a dinâmica interna dos "movimentos libertários", ao mesmo tempo em que acena para uma perspectiva pouco alentadora. A principal marca das "utopias libertárias" consistia na luta por formas de relacionamento onde não houvesse dominação, e no interior de seus grupos deveriam ser mantidas relações igualitárias. Na verdade o autor mostra que no Brasil, para o período analisado, cada um dos grupos buscava a hegemonia e pretendia apresentar-se como mais "revolucionário" ou como modelar para as identificações e atuações que os outros grupos deveriam realizar. A experiência de Gabeira com o feminismo demonstra isso.

A leitura de *Os Movimentos Libertários em Questão* vale por todas essas razões e, mais ainda, enquanto nos dá conta das articulações entre a efervescência da década de 60 e a vivência de um membro dos movimentos guerrilheiros urbanos. Vale ainda para a explicitação das configurações assumidas, na década seguinte, pelas experiências que escolhem a via alternativa do combate aos conflitos de poder nas relações intergrupais e na vida cotidiana. ❑